

metro

MÍNI

Sexta-feira,
27 de novembro de 2015

ESPÍRITO SANTO CRIATIVO

Artistas do Estado têm um novo aliado para se tornarem empreendedores: o projeto ES Criativo, um caminho que vai contribuir para o desenvolvimento de sua expressão cultural

Economia movida

Espírito Santo

Criativo. Projeto, da Secretaria de Estado da Cultura, visa à economia com foco em boas ideias

O que a fabricação de móveis em Linhares tem a ver com um grupo de músicos da Cidade Alta, no Centro de Vitória? E as painéis de Goiabeiras com uma turma de uma startup? Todos fazem parte de um setor que tem a cara do século 21: a economia criativa, uma área cuja matéria-prima principal está no potencial intelectual e na capacidade de inovar a cada produto.

Segundo o Ideies (Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo), vinculado à Fines (Federação das Indústrias do Espírito Santo), o Estado tem 1.450 empresas criativas e 13.400 profissionais no setor, números que o governo estadual planeja ajudar a expandir, com o projeto Espírito Santo Criativo.

Em fase de estruturação pela Secult (Secretaria de Estado da Cultura), a iniciativa prevê ações para ajudar no desenvolvimento da economia criativa capixaba, desde formação dos profissionais até montagem de empreendimento e distribuição do produto.

“Estamos criando meios de formação de profissionais e geração de empreendimentos na área da economia criativa. A ideia é pensar na movimentação de empre-



ENTENDA A ECONOMIA CRIATIVA

O QUE É:

A expressão surgiu em meados dos anos 1990, no âmbito das políticas públicas, em resposta à necessidade de promover a revitalização de determinadas regiões e cidades, enfatizando o papel da arte e da cultura na promoção de inovação e crescimento econômico. A Austrália foi pioneira na adoção dessa política, em 1994, seguida pelo Reino Unido, em 1997.

É composta por 13 setores, em quatro áreas:

			
CONSUMO: publicidade; arquitetura; design e moda	CULTURA: patrimônio e expressões culturais; música e artes cênicas	MÍDIAS: editorial e audiovisual	TECNOLOGIA: Pesquisa e desenvolvimento; biotecnologia; e tecnologia da informação e comunicação

go e renda com um crescimento desse setor”, diz Ricardo Pandolfi, subsecretário estadual de Cultura e coordenador do ES Criativo.

Com a orientação da consultora Cláudia Leitão, ex-secretária nacional de Economia Criativa, o projeto visa a levantar dados sobre a economia criativa para definir ações adequadas a cada região; desenvolver formação para profissionais e gestores; criar formas de crédito para empreendimentos; sugerir políticas públicas que fortaleçam a economia criativa; e formular leis para regular as empresas

R\$ 24

bilhões por ano
Valor movimentado pela economia criativa no Estado.

desse setor nos campos trabalhista e tributário.

“É uma espécie de plano de voo. Não basta saber para onde vai, mas como vai. Ter métodos definidos, saber quem faz o que e com quanto de recursos financeiros”, frisa Cláudia Leitão. “É um trabalho árduo, que tem um componente de resiliência e envolve a participação social.” Nesse trabalho, a Se-

cult está envolvendo outras secretarias do Estado, como Educação, Turismo e Desenvolvimento Econômico, além de parceiros, como Aderes (Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo do Espírito Santo), Fines e Sebrae.

FORTALECIMENTO

O Sistema Fines criou, em 2015, o Conect (Conselho Temático de Economia Criativa), que busca articular instituições, identificar vocações e fortalecer o setor. “Vamos criar um espaço pa-



a criatividade

POR DENTRO DO PROGRAMA ES CRIATIVO

Os **5 DESAFIOS** para o desenvolvimento da economia criativa no Espírito Santo

1 INFORMAÇÕES E DADOS

Realizar levantamento sobre o setor para facilitar a criação de políticas públicas mais adequadas a cada realidade regional

2 FINANCIAMENTO

Garantir o fomento e a sustentabilidade de empreendimentos dos setores culturais e criativos

4 COOPERAÇÃO

Organizações públicas, empresas e instituições representantes da sociedade civil devem interagir com modelos de governanças democráticos e eficientes

3 FORMAÇÃO

Oferecer cursos para o preparo de gestores e profissionais atuantes no setor

5 LEGISLAÇÃO

Criar e adequar marcos legais para o fortalecimento dos setores criativos, em aspectos associados ao direito trabalhista, tributário, administrativo, etc.

ra orientação, formação, qualificação e incentivo de empreendedores no setor”, adianta o presidente da Findes, Marcos Guerra.

Com Sesi e Senai, o Ideies está montando uma matriz de cursos para aprofundar a qualificação da mão de obra desses setores da indústria criativa. “A missão do Senai tem tudo a ver com arquitetura, design, moda e tecnologia; e o Sesi, com artesanato, música e teatro”, diz Antonio Fernando Doria Porto, diretor-executivo do Ideies. O Sebrae, por sua vez, forma gestores na economia criativa, preparando a ati-

vidade para ser economicamente viável, com cursos e estudo de mercado.

MUDANÇA

“A indústria está mudando graças a uma geração mais conectada. Temos de pensar em modelos de negócio que sigam a velocidade da informação”, frisa Renata Vescovi, gerente do Sebrae-ES.

Se empreendedores criativos têm de se preparar, a indústria precisa se adaptar, adverte José Carlos Bergamin, presidente do Conect e empresário do setor de vestuário.

“A indústria tradicio-

nal deve interagir com a criativa. É preciso entender, por exemplo, que a pessoa não quer uma roupa só para cobrir o corpo. Quer algo que esteja conectado à sua emoção”, observa.

O ES Criativo está na fase de consulta à sociedade. Por meio de pesquisa via rede social, a Secult quer estabelecer as áreas da economia criativa a serem priorizadas num primeiro momento. A expectativa é que o projeto seja implantado em 2016. “O ES Criativo tem tudo para tornar o Estado um exemplo em economia criativa”, aposta Cláudia Leitão.



“É uma economia que veio para ficar. Queremos identificar as oportunidades e fortalecê-las por meio da formação”

RICARDO PANDOLFI, SUBSECRETÁRIO ESTADUAL DE CULTURA



“Queremos produtos com o selo ‘made in Espírito Santo’, o que serviria como uma certificação de qualidade”

CLÁUDIA LEITÃO, CONSULTORA DO PROGRAMA ES CRIATIVO



“A empresa precisa se inovar, senão sairá do mercado. A indústria criativa é o caminho da inovação”

ANTONIO FERNANDO DORIA PORTO, DIRETOR-EXECUTIVO DO IDEIES

Infinitas possibilidades

Na prática.

Consultoria, cursos e editais ajudam a transformar ideia em bom negócio

Infinitas são as chances de fazer sucesso quando um grupo de amigos se junta para montar um negócio próprio usando um dom precioso: a criatividade. Assim nasceu o Lab.Muy, empresa conectada à era da tecnologia e às suas inúmeras possibilidades em produtos em serviços multiplataformas. Sem perder a ligação com a cultura, onde tudo começou.

Criados no meio cultural capixaba, o artista plástico Fabrício Noronha, o jornalista Vitor Lopes e o publicitário Rinaldo Sá fundaram a empresa há quatro anos. “Foi uma maneira de formalizar aquilo que cada um já fazia individualmente”, explica Fabrício.

Hoje, o Lab.Muy desenvolve ações nas áreas de educação, cultura, comunicação e arte. Um dos projetos de maior sucesso é o Infinitas, que já teve três edições desde 2013: Casa.Lab Infinitas, no Centro de Vitória; o Fábrica.Lab Infinitas, em Jucutuquara, na Capital; e o Estúdio Infinitas, no Shopping Praia da Costa, Vila Velha.

Durante o evento, centenas de artistas se reúnem em workshops, seminários, shows e feiras, onde são expostas produções de arte, design e moda. “Acreditamos nas conexões e na pluralidade de ideias para manter as inovações”, destaca Fabrício Noronha.

Para quem está nesse caminho do empreendedorismo, uma alterna-



Vitor Lopes, jornalista; Rinaldo Sá, publicitário; e Fabrício Noronha, artista plástico: sócios no Lab.Muy

GABRIEL LOBDELLO/MOSAICO IMAGEM

PARA ADERIR À ECONOMIA CRIATIVA

1) CRIAÇÃO: é preciso definir uma ideia para o seu negócio, com formulação de produto e percepção do público-alvo

2) CAPACITAÇÃO: caso não tenha formação adequada, é recomendado realizar cursos. Há boas opções no Sesi e no Senai

3) GESTÃO: é preciso construir um plano de negócios para o empreendimento. O Sebrae pode ajudar com cursos para análise do mercado, volume do investimento e estudo da concorrência

4) LEGALIZAÇÃO: a regularização da empresa, nos órgãos responsáveis, é fundamental. Conte com auxílio de contador

5) FINANCIAMENTO: se não tiver capital próprio, é possível recorrer a linhas de crédito do BNDES. No Estado, o Banded é um dos agentes financeiros e oferece o “Nossocrédito”, uma linha de crédito de até R\$ 20 mil para micro e pequenas empresas

INFORMAÇÕES

Sesi: pelo site www.sistemafindes.org.br/sitesesi

Senai: pelo site www.es.senai.br

Sebrae: 0800 570 0800 ou www.sebrae.com.br/espíritosanto

Banded: 0800 283 4202 ou pelo site www.banded.com.br

“É um momento de transformação no mercado, com uma avalanche de ideias e oportunidades”

FABRÍCIO NORONHA, ARTISTA PLÁSTICO
UM DOS SÓCIOS DO LAB.MUY

tiva para transformar a criatividade em um bom negócio pode ser buscar a consultoria e os cursos do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que orienta empreendedores inclusive para setores da economia criativa. “Preparamos diferentes atividades para serem economicamente viáveis”, diz a gerente de Atendimento Setorial e Serviços do Sebrae-ES, Renata Vescovi.



Raphael e Lorena: eles ajudam a movimentar rua da criatividade

GABRIEL LORDÊLLO/ MOSAICO IMAGEM

Passarela da arte

Corredor Criativo. A rua Nestor Gomes, no Centro de Vitória, tornou-se ponto de encontro, criação e colaboração de profissionais de vários ramos artísticos

O local já foi chamado de Ladeira da Boa Ideia, por reunir escritores, artistas e outros pensadores no início do século passado. Depois de um tempo esquecida, assim como todo o Centro de Vitória, a rua, hoje conhecida como Nestor Gomes, voltou a despertar. Aos poucos, foram chegando novos empreendedores nas áreas de teatro, música, cinema, design, publicidade, artesanato, entre outros. O espaço se tornou, de novo, ponto de encontro da cultura. Tanto que ganhou o nome de Corredor Criativo da Nestor Gomes.

Se há apenas dois anos havia ali cinco empreendimentos, hoje a Nestor Gomes conta com 17 empresas em atividade e se tornou um APL (Arranjo Produtivo Local), como forma de desenvolver a economia criativa e atrair mais recursos para

os produtos e serviços da região, além de facilitar a interação entre eles.

“Não somos concorrentes, somos ajudadores uns dos outros. Consigo contratar serviços para as minhas exposições dentro da própria rua, como comunicadores visuais, arquitetos, grafiteiros... Há um mix de profissionais, e um acaba sendo cliente do outro, o que fortalece a economia de

toda a rua”, explica a artista plástica Lorena Louzada, que é vice-presidente do APL do Corredor Criativo e mantém um ateliê na Nestor Gomes.

Com a união de forças e ideias, já foi possível realizar eventos e obter recursos via editais públicos. “Graças ao Corredor Criativo, conseguimos aprovar, no Ministério da Cultura, o projeto Ensaio Aberto para 2016. Te-

17

é o número de empresas em atividade no Corredor Criativo da Nestor Gomes. Há dois anos, eram cinco.

remos recursos para dez eventos de música popular. Isso mexerá com outras atividades da rua, que realizarão o Beco Cultural, exposições, espetáculo de artes cênicas, entre outras atrações”, destaca Raphael Gaspar Tebaldi, do Expurgação, um dos coordenadores do APL.

Em breve, com a ajuda de estudantes de Design da Ufes, o Corredor Criativo deve ganhar nova identidade visual, o que pode ajudar a atrair novos empreendedores culturais. “O maior recurso que temos para vencer a crise é a criatividade. Com sinergia, isso se fortalece ainda mais”, completa Raphael.

ENTENDA

O QUE É APL? O Arranjo Produtivo Local é um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais, que desenvolvem, no mesmo local, atividades econômicas semelhantes e apresentam vínculos de produção e aprendizagem.

CORREDOR DA NESTOR GOMES

É um APL próximo ao Palácio Anchieta, na rua Nestor Gomes. É formado por: Expurgação, Cia. Folgazões, Institutos Quorum e Goia, Espaços Atelier e Criativo Experimental, Estúdio Cósmica, Empório Capixaba, HumanBox Arquitetura, That Hostel, Atelier King e Tacchetto, Hotel Prata, Livraria Cultura Capixaba, Estúdio 3, Historia House, Alfazema Natural, Restaurantes Salad'Art e Exporão, Cervejaria Biersiness, Lugo Copiadora, Sesi, Palácio Anchieta e Photo Café.

‘Ideia é unir cultura

Democratização.

Secretário de Estado da Cultura, João Gualberto diz que a economia criativa é um dos focos da pasta

Num mercado em constante transformação, aquecido pela ebulição de inovações tecnológicas, a Secult (Secretaria de Estado da Cultura) assume um novo desafio: contribuir para o desenvolvimento da economia criativa no Espírito Santo. Isso exige ir além das atividades artísticas e chegar até mesmo à produção industrial, que também precisa de criatividade. “Estamos vivendo um capitalismo cultural. Há exemplos importantes no mundo, como a Inglaterra, que passou por intervenção em sua lógica urbana, nos anos 90, ao criar sua indústria criativa. Ou o Peru, que se reinventou com foco no turismo. São países que se requalificaram com incorporação da cultura à agenda econômica”, explica o secretário de Estado da Cultura, João Gualberto. Ele afirma que, desde as primeiras conversas com o governador Paulo Hartung, ficou estabelecido que a economia criativa seria um foco importante da pasta. Nesta entrevista, o secretário fala sobre as ações nessa área, o lançamento do projeto ES Criativo e os investimentos previstos para esse setor pelo governo.



“Temos de transformar expressões culturais em elementos do nosso desenvolvimento, com turismo e qualificação de equipamentos culturais”

Como será o trabalho da Secretaria de Cultura para desenvolver a economia criativa do Espírito Santo?

Nosso foco na economia criativa é fazer uma convergência entre cultura e desenvolvimento. O Espírito Santo tem um potencial cultural muito forte, com suas manifestações folclóricas, sua gastronomia, seu artesanato e sítios históricos. Temos de trabalhar esses patrimônios como elementos do nosso desenvolvimento, através do turismo, da qualificação de equipamentos culturais e até da nossa indústria, como os polos moveleiro de Linhares e de confecções em Colatina, que também neces-

sitam da criatividade no campo da produção.

Isso envolve a geração de emprego e renda na área da economia criativa?

Estamos focados na formação. Por isso, nos associamos ao programa de Ocupação Social do governo do Estado para desenvolvermos nossos projetos em bairros de grande vulnerabilidade. Começaremos em breve essas ações nos bairros Vila Nova de Colares, na Serra; Santa Rita, em Vila Velha; e Nova Rosa da Penha, em Cariacica. Queremos formar um contingente de jovens, basicamente de 15 a 24 anos, habilitados nos fazeres culturais. Para se-

rem capazes de ganhar a vida como músicos, designers ou no campo audiovisual. Vamos juntar as duas coisas: o fomento às atividades artísticas com a inclusão das pessoas na economia criativa.

Essa política de formação também abrange novas habilidades exigidas pelo mercado?

Há uma coisa importante que a cultura não pode ignorar, que é a tecnologia. Os jovens da periferia não querem somente as profissões tradicionais. Nossa formação tem de passar também por uma base tecnológica. Estamos nos aproximando da Secretaria da Educação para investirmos nisso. Existe em Vila Velha a Escola de Pós-Médio Vasco Coutinho, que pode ser utilizada como um local de formação no campo da música, do audiovisual, do design, entre outros.

Ao focar na formação, como a Secult vai se comportar em relação às políticas de patrocínios e de editais?

Estamos saindo da política de patrocínios e dando prioridade à política de editais, com base na meritocracia, que é algo comum tanto por parte do Ministério da Cultura, quanto das secretarias estaduais e municipais. Desde o dia 1º de janeiro de 2015, o governo do Estado proibiu essa política de patrocínios. Estamos tentando deslocar o foco dos eventos para as ações estruturantes. Passamos a fomentar atividades de formação presentes nos eventos, como cursos e



e desenvolvimento'

FOTOS: GABRIEL LORDÉLLO/MOSAICO IMAGEM

“Há pela juventude um interesse grande nas startups. O caminho é contribuir para formação de empresas criativas para o mercado”

oficinas. É preciso lembrar que existem também os editais de empresas privadas, como Petrobras, Itaú, Banco do Brasil, entre outros, além dos federais, como da Ancine e do BNDES. Queremos fazer a qualificação para que os nossos artistas possam disputar em condições mais competitivas esses editais. Mesmo com atraso no processo, tivemos neste ano de crise um edital significativo. Os resultados estão sendo divulgados com uma nova geografia de distribuição. Porque é intuito do governo formar novos talentos. A ideia é democratizar.

Como está o processo de montagem do projeto ES Criativo, que visa a fomentar essa nova economia cultural?

Quando assumimos, havia um projeto desativado de economia criativa. Tive conversas com os secretários de Turismo e de Desenvolvimento, o Sebrae, a Fines e a prefeitura de Vitória. Isso resultou na construção do programa ES Criativo. Contratamos uma consultora, Cláudia Leitão, que foi secretária nacional de Economia Criativa do Ministério da Cultura. Ela está nos assessorando na montagem desse programa, que faz parte do planejamento estratégi-



co do governo estadual. Desde março, já foram realizados workshops e palestras para debater o assunto. Agora, estamos em fase de discussão com a sociedade. A economia criativa é um campo muito extenso. Temos de focar em quais áreas faremos as nossas ações de formação e apoio. Realizamos uma pesquisa online, via rede social, listando as áreas para que as pessoas opinassem sobre quais deveriam ser contempladas no ES Criativo. Nossa intenção é que esse projeto seja instalado em 2016.

De que forma o Sebrae

“Uma das nossas metas também é requalificar os nossos espaços culturais. Faremos reformas e restaurações”

e a Fines poderão ajudar o ES Criativo?

Esperamos que nos ajudem na ampliação da formação dos novos talentos para o mercado de trabalho. Não necessariamente dando um emprego. Mas podem ser empreendedores como produtores, artesãos, músicos... Há por parte da juventude um

interesse muito grande nas startups. O caminho é ajudar a formar empresas que se relacionem com o mundo dos negócios. É bom destacar que não estamos focados só nos jovens. A oportunidade será aberta a quem quiser.

Em relação aos espaços culturais, quais os investimentos da Secult?

Vamos requalificar os nossos espaços culturais. Faremos uma reforma na Biblioteca Pública, para melhorar o atendimento, e realizaremos intervenção na Biblioteca do Transcol para aumentar a quantidade de obras à disposição. O MAES receberá melhorias na parte técnica e na conservação do acervo. A Galeria Homero Massena e o Museu do Colono, em Santa Leopoldina, passarão por obras. E vamos buscar apoio para a restauração do Theatro Carlos Gomes.

A entrega do Cais das Artes sofreu novo adiamento. Isso atrapalha os planos da Secult?

As obras do governo estão sendo feitas com muita responsabilidade. Sabemos que os processos licitatórios são lentos. Como foi divulgado pela Setop (Secretaria de Transportes e Obras Públicas), o recomeço das obras será apenas em julho de 2016, com conclusão em julho de 2018. O que podemos fazer, enquanto isso, é focar na formação dos nossos artistas e técnicos e proporcionar uma ambiência cultural para que possam usufruir e ter acesso a este novo equipamento que será o Cais das Artes.

Economia criativa em números

Universo. Mais de 78 mil pessoas, com média de idade de 35 anos, compõem o setor no Estado, segundo dados do IBGE

Pessoas mais jovens, com maior qualificação e que recebem uma remuneração acima da média. Esse é o perfil dos profissionais ligados à economia criativa do Espírito Santo. O levantamento foi feito pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN (Instituto Jones dos Santos Neves), com base em números da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio), do IBGE, e da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), do Ministério do Trabalho, do ano de 2013. Dados da PNAD apontam que o Estado tem 78.884 trabalhadores vinculados à economia criativa, com média de idade de 35,7 anos.

“Essa pesquisa abrange os mercados formal e informal e envolve todos os profissionais que exerçam uma função dentro do setor criativo”, explica Ana Carolina Giuberti, diretora de Estudos e Pesquisas do IJSN. “É um dado importante, pois mostra a capacidade do setor criativo de estimular a economia e gerar emprego na área também não criativa.”

Já a Rais aponta que, dos 12.943 trabalhadores em ocupações criativas no Espírito Santo, 7.485 têm curso superior completo. E a remuneração média é de R\$ 4.675,60, bem acima da economia tradicional.

EMPREGADOS

6.042

trabalham no setor de consumo da economia criativa (arquitetura, design, publicidade e moda)

4.410

trabalham no setor de tecnologia (Biotecnologia, Pesquisa e Desenvolvimento e TI)

1.662

em mídias (audiovisual e editorial)

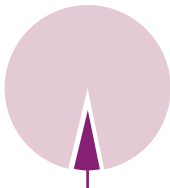
829

em cultura (artes cênicas, expressões culturais, música, patrimônio e artes)

EM UM TOTAL DE...

12.943

profissionais em ocupações criativas no Espírito Santo



1,4%

de ocupações na economia criativa no Estado

RENDIMENTO SALARIAL

R\$ 60,5 milhões

é o valor da massa salarial das ocupações criativas no Espírito Santo, ao ano

3,4%

do total da massa salarial no Espírito Santo são para as ocupações criativas

COMPARAÇÃO

Remuneração média

Economia criativa **R\$ 4.675,60**

Economia não criativa **R\$ 1.812,40**

FORNTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS), DO MINISTÉRIO DO TRABALHO. DADOS FORNECIDOS PELAS EMPRESAS, REFERENTES ÀS OCUPAÇÕES FORMAIS. NÚMEROS DE 2013.

DADOS DA PNAD

ECONOMIA CRIATIVA

51.993 de empregados formais

5.142 de informais

16.567 trabalham por conta própria

5.142 são empregadores

EM UM TOTAL DE...

78.844

pessoas empregadas em setores criativos

Equivalente a **4%** do total do mercado de trabalho

35,7 ANOS

é a idade média dos empregados

FORNTE: PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIO (PNAD), DO IBGE (ABRANGE OS MERCADOS FORMAL E INFORMAL)

IDEIES

1.450 empresas criativas no Estado

13.400 profissionais em ocupações criativas

33,7% das empresas criativas estão em Vitória

46,6% dos trabalhadores criativos estão na Capital

R\$ 4.888,00 é o salário médio dos trabalhadores na economia criativa no Espírito Santo

EMPRESAS POR ÁREAS

45,2% são de tecnologia

37,7% de consumo

11,5% de mídias

5,6% de cultura

EMPRESAS POR SETORES

31,8% são de Pesquisa e Desenvolvimento

16,2% de Arquitetura

12,9% de Publicidade



Graças à mente criativa e às mãos de Kyria Oliveira, o que antes era sucata se transforma em arte. É no ferro-velho que ela encontra o material para fazer, num ateliê próprio, suas esculturas e realizar o sonho de ganhar a vida como artista plástica.

Para ela, todo o processo de trabalho é uma contribuição à sustentabilidade. “Legítimo o produto bastardo, aquele que é descartado. Através da arte, a sucata vira escultura. Isso é sustentabilidade”, destaca Kyria Oliveira, que gosta de trabalhar com um material específico. “Utilizo dutos de aço que serviram à indústria petrolífera. É um aço que foi praticamente cozido dentro do óleo. Mesmo já descartado, ainda tem uma longa vida útil.”

Para fazer da arte o seu ganha-pão, Kyria apostou na instalação de um ateliê no Centro de Vitória, no chamado Corredor Criativo da Nestor Gomes, próximo ao Palácio Anchieta. “Não queria só um galpão para as minhas esculturas, mas uma casa que tivesse história”, conta a artista.

“A partir do momento em que abri o ateliê, senti uma diferença muito grande. E me deu um retorno muito forte. As pessoas passam a acreditar mais em você.”

No ateliê, além de produzir e expor suas peças, Kyria também consegue interagir com outros artistas, até do exterior. “É um espaço para a criação, para o diálogo e para dividir a experiência”, afirma a escultora, demonstrando confiança na economia criativa do Espírito Santo.

“É algo que veio para ficar, porque trabalha com algo muito forte que é a coletividade”, diz.

Eles dão asas à imaginação



Destaques. Artistas de vários setores ganham visibilidade até internacional com seus projetos voltados para a arte



O aço descartado é transformado em peças de arte

Quem é: Kyria Oliveira

Idade: 41 anos

Formação: Graduada em Artes Plásticas pela Ufes

Exposições: Corpos Transeuntes (2014); Casulos (2013); Vitória em Arte (2013)

Projetos: Reforçar o seu ateliê como uma “residência artística”. Para 2016, a expectativa é receber artistas da Itália. O local também vai ganhar um porão, onde serão trabalhadas as esculturas no dia a dia

Para visitar: www.kyria.art.br

O sucesso da 'graça'

Teatro. Companhia de Artes Cênicas Folgazões leva a comédia para os palcos do país e do mundo com muita criatividade e empreendedorismo

GABRIEL LORDÉLLO/ MOSAICO IMAGEM

Folgazão: adjetivo característico de alguém que é alegre, brincalhão, engraçado. Esse é o espírito da Companhia de Artes Cênicas Folgazões. Com veia cômica e uma dose de empreendedorismo, o grupo capixaba mostra que é possível viver de palhaçada e rodar o mundo fazendo graça.

“Acreditamos muito que nosso trabalho dá acesso à arte, que é um direito do cidadão e um dever do Estado”, afirma Vanessa Darmiani, uma das quatro integrantes da companhia, ao lado de Foca Magalhães, Wyller Villaças e Duilio Kuster.

Por acreditar tanto no teatro de rua e na linguagem cômica, o grupo tem até uma sede fixa, instalada no Corredor Criativo da Nestor Gomes, no Centro de Vitória. “Ter uma sede, em permanente atividade, com horário de trabalho determinado, trouxe uma reflexão até para os outros grupos sobre essa forma de empreendedorismo na área cultural”, explica Vanessa.

GESTÃO

Se ser empreendedor envolve não só pensar nas apresentações artísticas, mas também cuidar da gestão do negócio teatral. “Se a gente quer viver disso, precisa ter um mínimo de organização”, destaca a artista.

Tamanho organização levou a Cia. Folgazões a realizar apresentações até no exterior, percor-



Wyller Villaças, Vanessa Darmiani, Duilio Kuster e Foca Magalhães: companheiros na arte

Quem é: Cia. Folgazões

Integrantes: Vanessa Darmiani, Wyller Villaças, Duilio Kuster e Foca Magalhães

Criação: A Cia. Folgazões estreou em 2007, mas desde 2003 começou a ser formada, por iniciativa do artista Edson Nascimento, inspirado nos “Brincadores”, artistas populares que trabalham a linguagem musical e gestual.

Espectáculos realizados: “Cantantes e Brincantes”; “O Pastelão e a Arte”; “Há Judas pra Malhar?”; “São Pedro”, “Os Irmãos e a Serpente”; “O Auto do Tatu”; “O Outro” e “Pailhaço”.

Para visitar: www.companhiafolgazoes.wordpress.com

“Se a gente quer viver disso (de teatro), precisa ter um mínimo de organização. Fizemos cursos e oficinas na área de gestão. Cada integrante é responsável por parte da administração”

VANESSA DARMIANI, QUE FAZ PARTE DA CIA. FOLGAZÕES



rendo países da Europa e da América Latina. E faz o grupo já planejar a comemoração dos 10 anos de apresentações, em 2017. “Queremos fazer uma grande festa. São poucos grupos teatrais que podem se orgulhar de ficar tanto tempo em atividade-de no Espírito Santo.”



Rodrigo Aragão faz maquiagens e roteiros

FOTOS: REPRODUÇÃO/ FACEBOOK

Sem medo de ser o 'monstro' do cinema

Audiovisual. Rodrigo Aragão é a aposta da sétima arte no gênero de terror, com sua produtora, a Fábulas Negras

O que é assustador para uns pode ser inspirador para outros. Foi assistindo a filmes de terror na infância, nos anos 80, que Rodrigo Aragão descobriu sua vocação: despertar o medo nas pessoas, através do cinema. Sem se desligar das origens, o cineasta mantém uma produtora no distrito de Perocão, em Guarapari: a Fábulas Negras.

O aprendizado aconteceu na prática, na adolescência. Com tinta guache, guardanapos e trigo, começou a produzir maquiagens para assustar familiares e vizinhos. Acabou virando "monstrólogo", referência na arte de fazer maquiagens e efeitos especiais, sobretudo para filmes de terror.

"Meu capixabismo é uma das minhas cartas na manga. Quanto mais regional você é, mais universal é o seu trabalho"

RODRIGO ARAGÃO, CINEASTA

Logo começou a desenvolver roteiros para o cinema. Em 2004, gastando R\$ 300, lançou seu primeiro curta: "Chupa Cabras". Autodidata, de lá para cá já produziu filmes premiados, mas nada que garantisse sua independência financeira.

"Não vivo da bilheteria, mas do que o cinema me traz. Participo de eventos, dou oficinas de efeitos especiais em todo o país, vendo miniaturas dos meus filmes",

conta. Agora, poderá dispor de recursos de edital de lei de incentivo ao cinema para filmar sua próxima produção. "Mata Negra" poderá arrecadar até R\$ 1 milhão. O apoio faz Aragão sonhar com o lançamento comercial do filme no Brasil. "Hoje, tenho muito mais facilidade de distribuir os meus filmes fora do Brasil. Faço um terror capixaba tipo exportação", diz o cineasta, que já exibiu seus filmes na Alemanha, na Holanda, no México e nos Estados Unidos, entre outros países.

Apontado por José Mojica Marins, criador do personagem Zé do Caixão e ícone do cinema de terror brasileiro, como seu sucessor, Aragão mantém temáticas regionais em seus filmes.

Quem é: Rodrigo Aragão
Idade: 38 anos
O que faz: Cineasta, proprietário da produtora Fábulas Negras, e "monstrólogo", especialista em criar fantasias e maquiagens para filmes de terror
Principais filmes:
Curta-metragens:
"Chupa Cabras" (2004),
"Peixe Podre" (2005) e
"Peixe Podre II" (2006)

Longas-metragens:
"Mangue Negro" (2008),
"A noite do Chupacabras" (2011),
"Mar Negro" (2013) e
"Mata Negra" (em produção)





Som estrelado

Música. Com experiências em bandas e em trabalho solo, Amaro Lima conhece como é ser empreendedor da arte

No Rio de Janeiro, nos anos 90, Amaro Lima estudava para realizar o sonho de entrar na Berklee College of Music, uma das escolas de música mais renomadas do mundo, situada em Boston, nos Estados Unidos. Até que veio um pedido de ajuda do irmão, Alexandre Lima: “O baixista da banda saiu. Quebra o galho para a gente. Temos oito shows para fazer”. Dessa ajudinha familiar despontou uma das bandas que mudaram o cenário musical capixaba: Mahnimal. E fez decolar a carreira de Amaro.

Como vocalista do Mahnimal, Amaro ajudou a difundir um ritmo novo, vindo da mistura do rock com o congo, o “rockongo”, cuja inspiração veio da Banda Dois, do maestro Jaceguay Lins. Mas, apesar da inovação, havia um clima de incertezas. “Cheguei a pensar: será que é isso mesmo o que eu quero fazer? Então, me dei um ano como experiência.”

Um ano? Já se passaram duas décadas, e Amaro Lima continua colocando o povo para dançar. Foram 11 anos à frente do Mahnimal, com quatro discos lan-

“Saí de uma banda estruturada para trabalhar sozinho. Meu escritório era meu quarto. Mas chega uma hora em que você percebe que não dá para fazer tudo sozinho”

AMARO LIMA, MÚSICO

çados. Até que, em 2007, resolveu seguir carreira solo. E viver uma nova experiência como empreendedor musical.

“O primeiro ano foi uma loucura. Era o meu próprio empresário: fechava contratos, fazia produção, ligava para os músicos, criava o show... Até que em uma apresentação eu estava sem voz.”

Hoje, ele conta com uma agência para cuidar da estrutura e da gestão dos seus shows. Depois de quatro CDs e dois DVDs solos, Amaro voltou a repensar a carreira. Hoje, divide-se em duas bandas: “Amaro e os Madrakes”, com a qual se apresenta em festas e casamentos; e “Rebitz”, com trabalhos mais autorais. E há novo disco à vista: “Queremos lançar em 2016”, adianta.

Quem é: Amaro Lima

Carreira musical: Mahnimal (1995 a 2006); carreira solo (2007 a 2012); 7 Kinds of Monkeys (2012 e 2013), Amaro e os Madrakes (desde 2013); Rebitz (desde 2014)

Produções (Discos, CDs e DVDs): Mahnimal - Mahnimal, Tow Tow, Espírito Congo e Mahnimal Ao Vivo

Carreira solo: CDs: Coletivo (2007), Moborama (2008), Audiografia (2009) e Delicidade (2011); DVDs: Coletivo ao vivo e Delicidade 7 Kinds of Monkeys - Search for Gold





Bárbara Verzola é renomada chef no país

Pitadas generosas de ousadia

Sabor e amor. Apaixonada pela gastronomia desde a infância, Bárbara Verzola decidiu estudar até fora do Brasil a fim de se preparar para encarar a cozinha

MARIA SANZI / DIVULGAÇÃO

Ela cursou Direito, mas, em vez dos tribunais, foi parar na cozinha. Também pudera. Foi nesse ambiente em que cresceu, ao lado do pai gourmet e da mãe, uma talentosa cozinheira. Graças a essa arte de comer bem que trouxe de família, Bárbara Verzola enveredou pelo mundo da gastronomia e tornou-se uma das chefs jovens mais renomadas do Brasil. Junto do chef equatoriano Pablo Pavón, está à frente do restaurante Soeta, que recentemente completou cinco anos de funcionamento na Praia do Canto, em Vitória.

Antes de abrir o próprio restaurante, a capixaba se preparou. Primeiro, trabalhou por quatro anos ao lado do chef e enólogo Danio Braga, do restaurante Locanda Della Mimosa, em Petrópolis (RJ). Depois, foi para a Itália, onde se aperfeiçoou por um ano e meio até realizar o sonho de ser

uma das assistentes do grande chef Ferran Adrià, no espanhol El Bulli.

EXPERIÊNCIA

Com essas influências, voltou ao Brasil em 2009 para montar o Soeta em sua terra natal. “Em Vitória, não havia um restaurante com menu degustação. Trouxemos essa novidade. Por enquanto, 80% de nosso público são de turistas. Mas já começamos a fazer o capixaba gostar de ter uma expe-



Quem é: Bárbara Verzola
Formação: Direito
O que faz: Chef do Restaurante Soeta
Influências: Aprendizados com o chef e enólogo Danio Braga, do restaurante Locanda Della Mimosa, em Petrópolis (RJ). Na Itália, trabalhou na Enoteca Pinchiorri, em Firenze; e no restaurante Duamo, Sicília, com o chef Ciccio Sultano; e na Espanha, com o chef Ferran Adrià, no El Bulli

“Ter um restaurante é matar um leão por dia. Os custos operacionais são altos, a carga tributária é elevada. É preciso ser persistente”

BÁRBARA VERZOLA, CHEF

riência em um restaurante e não ir somente para comer.” E entre os “turistas” famosos que o Soeta já atraiu está o ex-Beatle Paul McCartney, que fez show no Estado em novembro de 2014.

Apesar de todo o reconhecimento, Bárbara admite a dificuldade de ser empreendedora na área de gastronomia. “Ter um restaurante é matar um leão por dia. É preciso ser persistente”, comenta a chef, que faz valer o seu amor pela cozinha.

Geração da arte musical

Produção cultural. Júlia Sodré realiza o Manguinhos Jazz & Blues Festival, na Serra

GABRIEL LORDÉLLO/ MOSAICO IMAGEM

A paixão pela arte vem do berço. Filha do escritor, poeta e músico Paulo Sodré, Júlia Sodré sempre viveu ao lado dos mais diferentes artistas. Não deu outra. Assim que se formou em Turismo, foi fazer um curso de gestão cultural. E passou a organizar musicais no Espírito Santo. O mais importante deles é o Manguinhos Jazz & Blues Festival, na Serra, que vai para a sua quinta edição em 2016.

Para dar conta de organizar um evento que chega a levar 25 mil pessoas, durante três dias, ao tranquilo balneário serrano, Júlia põe em cena o seu lado empreendedor. Desde o segundo semestre, passa a disparar e-mails para os setores de marketing de grandes empresas, além de recorrer a leis de incentivo à cultura do governo do Estado.

“Faço três tipos de planejamento para o evento e executo o que estiver mais de acordo com o apoio financeiro que conseguir”, explica a produtora cultural. Na segunda edição, Júlia reuniu 18 atrações, num investimento de R\$ 425 mil.

Para quem é apaixonado por música, como ela, ter o prazer de reunir grandes artistas internacionais e ver o sucesso do evento parece não ter preço. “Para quem quer ser produtor cultural, o segredo é acreditar no seu projeto e fazer de tudo para dar certo. É assim que faço todos os anos.”



“Para quem quer ser produtor cultural, o segredo é acreditar no seu projeto e fazer de tudo para dar certo. É assim que faço todos os anos”

JÚLIA SODRÉ,
PRODUTORA CULTURAL

Quem é: Júlia Sodré

Idade: 33 anos

Atividade: Produtora cultural

Formação: Turismo com especialização em Gestão Cultural

Evento que organiza: Manguinhos Jazz & Blues Festival, que vai para a quinta edição em 2016. Chega a contratar 50 profissionais durante os dias do evento

Planos: Organizar um festival nacional de chorinho, em Vitória, em homenagem ao músico Maurício de Oliveira





FOTOS: REPRODUÇÃO/ FACEBOOK



Artesã fez cursos para tornar sua arte um negócio

Quem é: Valdete Reis de Almeida

Idade: 55 anos

Formação: 2º grau completo e cursos em Gestão, Formação de Preço, Inovação, Design, Atendimento e Marketing

Produtos: bandejas, quadros, mandalas, luminárias, jarros e porta-panela, entre outros, a partir da palha de café e da fibra de bananeira

Segredo do sucesso: “Paixão e dedicação. Não tenho horário, domingo nem feriado. Quem quer viver do artesanato não pode ter rotina de só trabalhar seis horas por dia”

Visite: <https://www.facebook.com/ValdeteReisArtesanatos>



O talento na palma das mãos

Artesanato. Produtos confeccionados por Valdete Reis de Almeida com a palha de café ganham o mundo

Do Espírito Santo, saem 25% de todo o café exportado pelo Brasil. Enquanto várias partes do mundo saboreiam a arábica e o conilon produzidos pelo Estado, há quem faça dos restos da plantação a sua riqueza. E foi na palha do café que a artesã Valdete Reis de Almeida encontrou a matéria-prima para criar a sua arte.

Hoje, seus jarros, mandalas, quadros e outros objetos decorativos são expostos em diversas feiras e lojas. E são comercializados até internacionalmente.

O começo, porém, não foi fácil. Acostumada a trabalhar com fibra de bananeira, ela acabou descobrindo sua nova matéria-prima num cafezal próximo de sua casa, em Rio Novo do Sul, na

região sul do Estado. “A palha do café era um lixo da plantação e acabava sendo queimada. Passei a aproveitá-la, mas, no início, ela mofava, atraía insetos. Demorei seis anos para encontrar a técnica correta”, conta Valdete.

INVESTIMENTO

Para garantir o sucesso do seu negócio, Valdete precisou buscar ajuda para se profissionalizar. Com auxílio do Sebrae-ES e da Aderes (Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo do Estado), a artesã começou a participar de feiras e exposições, no Brasil e no exterior. E firmou parceria com a loja Tok&Stok, que revende seu artesanato em todo o Brasil.

Em seu ateliê, que funciona há 12 anos na parte de baixo da própria casa, às margens da BR-101 Sul, Valdete costuma contar com a ajuda de até sete funcionários. “Com o dinheiro que ganho, mantenho a casa e ainda pago as despesas de duas filhas que cursam faculdade particular fora do Estado”, revela a artesã empreendedora. “A arte hoje é a minha paixão e também o meu sustento.”

“A arte hoje é a minha paixão e também o meu sustento”

VALDETE REIS DE ALMEIDA, ARTESÃ



**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**

Secretaria da Cultura